

Gestalterapia: dialógica da provocação.

Afonso Henrique Lisboa da Fonseca

É evidente o caráter *provocativo* das atitudes, do método, do fundamento da *Gestalterapia*.

Isto é muito claro, em particular no estilo de Fritz Perls.

É uma compreensão superficial deste caráter provocativo, todavia, uma incompreensão de seus fundamentos, um fator responsável por distorções de cunho empirista, muito comuns na concepção e na prática da *Gestalterapia*.

Indubitavelmente, entretanto, a *Gestalterapia* tem este caráter eminentemente provocativo. É essencial portanto compreender o que significa a natureza deste seu caráter. Compreender, em especial, o intrínseco e indissociável aspecto *dialógico* deste do caráter provocativo da *Gestalterapia*.

Da mesma forma que o seu caráter provocativo, a dimensão dialógica deste caráter é uma intrínseca e indissociável *conditio sine qua non* da concepção e da prática da *Gestalterapia*.

Devidamente considerada esta articulação intrínseca e necessária, parece certamente uma boa compreensão da *Gestalterapia* a que deriva da expressão *Dialógica da Provocação*.

Numa certa perspectiva fundamental, pelo menos, a prática da *Gestalterapia* é isto: uma *dialógica da provocação*. Mas é necessário que se evite uma perspectiva vulgar de concepção dos termos desta expressão e de concepção da própria *Gestalterapia*. Perspectiva vulgar que tem sido muito comum na sua disseminação, resultando em grosseria empirista, ou pura grosseria e falta de educação, no contexto de delicadas relações entre cliente e um suposto terapeuta, ou entre facilitadores e os participantes de grupos.

PROVOCAÇÃO

De um modo geral, o termo "provocador" ou "provocação" não têm uma boa reputação, a não ser em certos sentidos bem específicos. Não é algo com que alguém queira identificar-se normalmente. Esta aversão simples e automática a estes termos decorre naturalmente dos mecanismo de domesticação da *agressividade saudável* que desenvolveram-se na cultura da Civilização Ocidental. Mecanismos que nos fazem perder simbolicamente dentes e garras, e nos transformam em dóceis animais de rebanho, como já observava Nietzsche.

Estes mecanismos, reconhecidos como "patogênicos" (digamos), foram agressivamente confrontados e afrontados por Perls e por seu estilo, no desenvolvimento de sua concepção e prática da *Gestalterapia*. De modo que um traço marcante da concepção e da prática da *Gestalterapia* é exatamente

uma aversão à docilidade compulsiva e doentia, paralisante – fonte e implicação necessária do niilismo e do ressentimento, e de uma paralisia e imobilização da potência criativa da vida: um resgate e uma busca da potencialização da agressividade saudável, da qual todos carecemos para afirmarmo-nos, para viver, ser e efetivamente *acontecer* no mundo. Agressividade que nada tem a ver com destrutividade ou violência, e que é, sempre, momento de um investimento criativo.

Provocativa é, assim, o mínimo que se pode dizer da auto-imagem da *Gestalterapia*.

Mas há que se entender que *provocação*, neste sentido, jamais tem haver com hostilidade, ofensa ou hostilização... Quando estas ocorrem na prática de um suposto terapeuta, são indubitavelmente características pessoais nocivas deste, e jamais elementos da concepção da *Gestalterapia*.

O termo *provocação* vem de *provocare**. *Pro-vocare*: favorecer a *vocalização*, favorecer a fala.

Vocalização e *fala*, não têm evidentemente, neste sentido, em particular em *Gestalterapia*, o seu sentido estrito. Não se trata apenas de favorecer meramente o verbal, o vocal, a verbosidade. Mas de favorecer a própria *ação*, seja ela *vocalização* ou não, seja ela *vocalização*, ou a *atualização* de formas das múltiplas possibilidades da *ação* – *fenomenação* --, no instante vivido, vividamente vivido de preferência: *fenomenação*.

Ação é diferente de *comportamento* (*cum portare*, portar consigo).

A *ação* guarda fundamentalmente algo de fenomenal, algo de autoria original e singular, momentânea, pontual e pontualmente vivida, algo de unicidade, de irrepetibilidade, de dialógico. O *comportamento* diz respeito ao assimilado, ao que é comum à particularidade da pessoa e é compartilhado por outros.

Hannah Arendt observa:

A *ação* seria um luxo desnecessário, uma caprichosa interferência com as leis gerais do comportamento, se os homens não passassem de repetições interminavelmente reproduzíveis do mesmo modelo, todas dotadas da mesma natureza e essência, tão previsíveis quanto a natureza e a essência de qualquer outra coisa. A pluralidade é a condição da *ação* humana pelo fato de sermos todos os mesmos, isto é humanos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido ou venha a existir.

No limite, é a possibilidade da *ação* que caracteriza o homem e a comunidade dos homens. A *ação* tem este caráter eminentemente inter humano

Hannah Arendt ainda dirá:

Só a *ação* é exclusiva do homem; nem um animal nem um deus é capaz de *ação*. E só a *ação* depende inteiramente da constante presença de outros.

É na potencialização da possibilidade humana especificamente ontológica da ação que a *Gestalterapia* vai constituir o seu fundamento. Trata-se de potencializar a ação, a *criação* no contexto, e a partir, da atualidade existencial, do *momentum* vivido da pessoa. Trata-se especificamente de favorecer esta específica potencialidade da pessoa. Potencialidade que se configura própria e especificamente na esfera do inter humano.

Trata-se de potencializar a ruptura da clausura do mero comportamento e da agressividade domesticada, através da potencialização da eclosão da possibilidade sempre latente da ação. Mesmo que seja mínima e efêmera esta eclosão, mas que possa encaminhar-se para uma habitualidade orgânica e saudável, compatível com as possibilidades, necessidades e carecimentos da pessoa e do mundo que lhe diz respeito.

De modo que a *provocação gestáltica* favorece fundamentalmente à expressividade, à existencialização do vivido único e irrepetível, a fenomenação, na potência de sua atualidade. Favorece assim a uma ruptura pontual com os padrões do mero comportamento. A *situação gestáltica* pretende-se eminentemente assim uma situação *provocativa*. O getalterapeuta pretende-se, assim, um *provocador*. O que interessa é exercer-se como provocador, neste sentido, no contexto, no âmbito e duração da relação pontual com o cliente. Subentendido, naturalmente, que isto nada guarda de hostilidade ou hostilização, de grosseria.

Ainda que possam ser intensivas, a provocação ou a ação provocada não carecem de ser compulsivas ou obsessivas. De modo rigorosamente distraído – "*distraídos venceremos*" (Leminsky) --, a provocação gestáltica busca constituir-se nos fluxos e contra-fluxos ativos e afirmativos do vivido, nos fluxos e contrafluxos da espontaneidade da auto-regulação organísmica.

Nunca seria demais observar a sensatez organísmica que se expressa no I Ching:

As palavras são um movimento do interior para o exterior. Comer e beber são movimentos do exterior para o interior. Essas duas formas de movimento podem ser moderadas através da tranqüilidade. A tranqüilidade faz com que as palavras e os alimentos não excedam a justa medida. Deste modo cultiva-se o caráter (27. I/AS BORDAS DA BOCA -- PROVER ALIMENTO).

DIALOGICIDADE E PROVOCAÇÃO

A situação gestáltica e o getalterapeutas são provocativos em sua efetividade especificamente porque são *dialógicos*. E o são especificamente porque entendem o quanto da possibilidade da ontogênese do humano, da criação e da recriação do humano, repousam na possibilidade do dialógico.

Quanto de fundador da psicologia e da psicoterapia fenomenológico existencial não está contido no sentido da simples frase de Buber: "O homem se torna EU na relação com o TU..."

Funda-se aí, na consideração pelo sentido ontogênico fundamental do dialógico inter humano desta formulação, a possibilidade e a efetividade de uma psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial dialógica. Pauta-se esta por uma certa reciprocidade pontual, por uma atenção interessada e ativa, confirmativa, pela atualidade e presença pontual, diferença, do outro.

Reciprocidade e atenção estas que se dão na medida em que se pode, na afirmação do devir, do *ser do devir*, atualizar-se efetivamente como *outro*. Outro do *outro*, e outro de si mesmo.

Digo *efetivamente* porque ser outro é efetivamente *ser ator*: ser sensível e fidedignamente ativo e expressivo, atuação, do sentido da diferença pontual emergente na fugacidade do encontro.

O sentido do *ser outro do outro* ganha uma formulação sublime nas palavras cristalinas e um tanto quanto perplexas de Clarice Lispector:

Eu antes tinha querido ser os outros para conhecer o que não era eu, entendi então que eu já tinha sido os outros e isso era fácil. Minha experiência maior seria ser o outro dos outros, e o outro dos outros era eu.

Qualquer terapeuta ou psicólogo fenomenológico existencial efetivo vê-se uma hora envolvido pelo insight e perplexidade de Clarice. Porque é esta a matéria prima e o substrato fundamental de seu trabalho.

Confrontar-se e abrir-se para a outridade do outro. Para com ele *ser outro*.

Por interesse e entusiasmo ontológico, oferecer-se para a relação, abrir-se e confrontar-se com o outro, ser ativa e afirmativamente o outro do outro. Potencializar, desta forma, da mesma forma que ele pode potencializar em mim, a possibilidade de que ele possa ativa e afirmativamente *ser outro*, de si próprio e de mim. *Autor*, ativa e afirmativamente, expressivamente, *ator* da emergência (em ambos os sentidos) da diferença de si... Possibilitando assim a ruptura da repetitividade, da mesmidade, da fatalidade pretensa, do comportamento mero e medíocre.

Ser ativa e afirmativamente o outro do outro é enormemente *provocativo*...

Envolve a abertura para e o privilegiamento da presença pontual, e em devir, do outro, do diferente em sua diferença, em devir.

Buber observará que só existe presente na presença, e o que caracteriza a presença é a atualidade e a atualização da diferença, da alteridade, do TU. Com relação ao caráter eminentemente ativo da presença e da atualidade (atualização/atuação/fenomenação) Buber observa:

Na atualidade vivida não há unidade do ser. A atualidade é somente ação. Sua força e profundidade são as desta ação. E mais, só há "interior" na medida em que houver ação mútua. A atualidade mais forte e profunda é aquela onde tudo dirige-se à ação...

De modo que *Gestalterapia* é, assim, uma *dialógica da provocação*. A compreensão e a efetivação da *Gestalterapia* neste seu caráter dialógico de provocação demandam sutileza e paciência, paciência que na verdade é momento rítmico da afirmação, mais precisamente, da afirmação da afirmação, dos fluxos do vivido na pontualidade do instante.